

Relato de Experiência

Síndrome de Down na Realidade Escolar: possibilidades em evidência

SANTOS, Márcia de Souza dos

1. Introdução

O mês de março é marcado pelo dia da conscientização sobre a Síndrome de Down, também conhecida como Trissomia 21 (T21), e por tal razão foi escolhido o dia 21. Levando em consideração tal fato, o presente estudo de caso tem por objetivo dinamizar a relação entre teoria e prática, enfatizando o conhecimento da realidade escolar, por meio do contato com os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, decorrentes de deficiência e trabalhos globais do desenvolvimento. Levando em consideração que a educação inclusiva deve proporcionar possibilidades para o aluno que tem necessidades específicas, esteja frequentando uma escola regular, seja da rede pública municipal ou estadual, ou ainda da rede particular. Apresentamos a proposta desenvolvida em uma escola da rede pública de ensino do município de Belo Horizonte e descrevemos a rotina escolar de um aluno com Síndrome de Down e com Hiperatividade¹.

2. A Construção Do Conhecimento Em Desenvolvimento

A educação para ser inclusiva deve proporcionar compreensão e acolhimento de cada transtorno e/ou síndrome rara que um (a) estudante possa apresentar. O conhecimento das especificidades de cada um é o início da caminhada para incluir de modo efetivo. A próxima seção é destinada a contextualizar o leitor a respeito da síndrome de down, também conhecida como T21.

2.1 A Síndrome De Down

Apresentamos uma breve abordagem do que é a Síndrome de Down e um resumo de suas origens. Os estudos e interesses sobre a fisiologia humana têm registros de longa data, mas a respeito de determinadas doenças podem ser considerados mais recentes. Não obstante disso, os estudos a respeito de determinadas doenças, em específico, a síndrome de down, datam do século XIX. Assim, de acordo com Wuo (2012), em 1866, o médico Langdom Down publica "*Observations on Ethnic*

¹ Essa afirmativa foi possível porque a escola possui o laudo que relata o caso clínico do estudante.

Classifications of Idiots", a fim de classificar "eticamente" os tipos de deficiência mental existentes. Foi durante esse trabalho que se caracterizou o "mongolismo" como determinado grupo étnico de "deficiência", devido à sua semelhança com o povo mongol e deste modo, essa doença recebeu o nome Down, por ter sido Langdon Down a caracterizá-la.

Moreira *et al.* (2000, p. 96), ao apresentarem a definição de síndrome de down, postula que

A síndrome de Down é uma condição genética, reconhecida há mais de um século por John Langdon Down, que constitui uma das causas mais frequentes de deficiência mental (DM), compreendendo cerca de 18% do total de deficientes mentais em instituições especializadas. Langdon Down apresentou cuidadosa descrição clínica da síndrome, entretanto erroneamente estabeleceu associações com caracteres étnicos, seguindo a tendência da época. Chamou a condição inadequadamente de idiotia mongolóide.

Nesta síndrome é importante ressaltar que pode estar presente a deficiência mental que compromete o desempenho escolar e conseqüentemente ocasiona impactos na vida social do indivíduo, embora alguns portadores da síndrome tem surpreendido as expectativas e ganhando uma ressignificação social na sociedade. Como por exemplo, a primeira modelo brasileira com síndrome de down a se tornar embaixadora da marca internacional L'oréal Paris, Maju de Araújo e a atriz Joana Mocarzel, que interpretou a criança Clarinha da novela "Páginas da vida" da Rede Globo, no ano de 2006.

2.2 A Criança T21 No Ensino Regular E As Possibilidades

O município de Belo Horizonte está organizado em nove regionais e dentre elas, a regional Barreiro foi elencada para realizar o estudo de caso, que ocorreu em uma escola da rede municipal pública, localizada próxima ao bairro Vale do Jatobá. É uma escola bem conceituada em relação a sua qualidade do ensino, estrutura física e dos profissionais que nela atuam. A escola disponibiliza aos alunos com necessidades especiais o Atendimento Educacional Especializado (AEE), tendo uma sala multifuncional para dinamizar o atendimento desses alunos.

A escola atende à comunidade em três turnos, a saber: no período matutino, atende aos alunos dos Anos finais do Ensino fundamental, no período vespertino atende aos alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e ainda conta com abertura ao alunado fora da faixa etária com a modalidade da EJA (Educação de Jovens e Adultos). É uma escola que atende a diversos alunos que possuem alguma deficiência, matriculados no sistema público municipal de ensino e que frequentam as classes regulares.

No período da tarde existem alunos atendidos por terem alguma necessidade especial, assim na sala 8, na turma do 3º ano, frequenta um aluno com deficiência auditiva, e em outra turma, sala 9, também do 3º ano, frequenta um aluno com paralisia cerebral, além da existência de outras turmas com frequência de alunos que apresentam alguma necessidade especial. Nos interessa no presente estudo a turma do 4º ano, em que está matriculado um aluno com síndrome de Down, o qual foi observado pelo grupo.

Observamos o aluno que tem 12 anos, contudo, de acordo com as informações obtidas a sua idade mental é de 6 anos. A todo o momento ele é acompanhado pelo professor de apoio. No que diz respeito ao seu rendimento escolar, foi possível saber que ainda não é alfabetizado, mas conhece as letras do alfabeto e os números de 0 a 10.

Foram observadas quatro aulas de diferentes conteúdos, conforme elencadas abaixo.

Primeira aula: Ciências, o aluno fez a atividade com a ajuda do professor de apoio, escrevendo as respostas no caderno. Nesse momento verificou-se que a professora regente presente arguia sobre o assunto com os outros alunos e não deixava espaço para que o aluno de inclusão pudesse interagir com a sua turma sobre o tema trabalhado.

Segunda aula: Inglês. O aluno assistiu a um vídeo junto com a turma, mas não participou da atividade proposta pela professora relacionada ao filme, que era uma atividade em folha. Diante desta situação o aluno ficou um pouco agitado e só queria brincar.

Terceira aula: Matemática, a professora aplicou uma atividade diferenciada para o aluno. A mesma está trabalhando com a sua turma os números decimais e para esse aluno as atividades eram voltadas para as operações de adição e subtração, que era uma capacidade que o aluno ainda não tinha desenvolvido.

Quarta aula: História. A professora trabalhou um texto com palavras grifadas e ele acompanhou com a ajuda do professor de apoio e em seguida fez a atividade no caderno. De acordo com as reflexões feitas pelo grupo a respeito desse momento, percebeu-se que ao trabalhar com as palavras grifadas a professora utilizou uma estratégia para o aluno participar da aula, sendo desse modo, um recurso que objetiva a inclusão do aluno nas atividades propostas.

As turmas de 4º ano tem duas professoras para ministrar as disciplinas, sendo que a professora que fica mais tempo na turma é considerada a Referência 1 - R1 - e a professora que trabalha com menos disciplinas e que atua, lecionando essas disciplinas, nas outras turmas do agrupamento do 4º ano é a

Referência 2 - R2.

Retomando as falas iniciais, tem-se que a escola possui uma sala de **AEE** (Atendimento Educacional Especializado), fazendo atendimento a esses alunos no contraturno, buscando uma inclusão participativa dos discentes, para superar as limitações que se apresentam em sua rotina escolar.

3. Considerações Finais

A experiência que o grupo teve foi relevante e satisfatória para o conhecimento e enriquecimento sobre o assunto. Constatamos que a educação inclusiva está chegando aos poucos nas escolas, mesmo sabendo que ainda há poucas escolas que estão acolhendo esses alunos que “não são diferentes apenas são especiais”, frase proferida por um aluno quando o grupo realizava a observação dentro da sala.

Após a observação podemos perceber que o professor de apoio, juntamente com as professoras referência, no ano em que foi realizada a observação, estavam fazendo um bom atendimento ao aluno, utilizando vários recursos pedagógicos no caderno do aluno para auxiliá-lo em sala de aula, como: cores diferenciadas para separar as disciplinas no caderno, nomes em caixa alta com letras coloridas também em cores, números em alto relevo feitos de E.v.a. para facilitar a memorização e no raciocínio lógico durante a realização das atividades propostas.

Assim, mediante as percepções obtidas infere-se que o aluno de inclusão interage bem com os colegas de classe, sendo que não há evidências de preconceito em sala de aula ou diferenciação no intuito de pomenorizar o sujeito. Pelos poucos relatos obtidos na conversa com as professoras, também foi possível a confirmação do exposto acima. Segundo o professor de apoio, o aluno é frequente, não falta às aulas e adora fazer para casa, embora apresente muitas dificuldades em sua trajetória escolar.

Analisando o contexto da escola observada podemos dizer que a inclusão ocorre em maior ou menor proporção, dependendo dos sujeitos envolvidos. E, que os estudantes com necessidades educacionais especiais estão inseridos (as) na sala de aula junto com os demais alunos. Além do aluno com síndrome de Down, a escola atende alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), há um professor de apoio para cada sala que tem um dos alunos que apresentam necessidades especiais e que a família apresentou o laudo na escola, para que tal profissional fosse disponibilizado.

REFERÊNCIAS

MOREIRA, L. M. A. *et al.* A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. In: **Revista Brasileira de Psiquiatria**. 2000; 22(2):96-9. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/XTSyqsLMHs56f4LmdznG4Vk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jan. 2025.

PIRES, Claudia; BLANCO, Leila de Macedo Varela; OLIVEIRA, Mércia Cabral. Alunos com deficiência física e deficiência múltipla: um novo contexto de sala de aula. In: GLAT, Rosana(org.). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro. 7 Letras, 2007. Cap.5, p.79-96.

WUO, Andréa Soares. A construção social da Síndrome de Down. **Cad. psicopedag.**, São Paulo , v. 6, n. 11, p. 00, 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492007000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 mar. 2025.

